

ÓCORREIO

JUNHO 2009

EDIÇÃO SPECIAL

A REVISTA DAS RELAÇÕES E COOPERAÇÃO ENTRE ÁFRICA-CARAÍBAS-PACÍFICO E A UNIÃO EUROPEIA



**Cultura –
Desenvolvimento ACP**

**Moda. Rentável
Cinema. Profissional
Música. Cosmopolita**

Pressupostos culturais



No momento em que o G20 se reunia em Londres para tentar encontrar soluções susceptíveis de evitar uma eventual crise financeira global no futuro tão devastadora como a que petrifica actualmente o mundo, inúmeros artistas e profissionais da cultura de África, Caraíbas e da União Europeia debruçavam-se em Bruxelas, de 1 a 3 de Abril, sobre as propostas a apresentar às instâncias oficiais a fim de facilitar, nos países ACP, um “desenvolvimento económico e cultural integrado”. Face a eles, políticos de alto nível recebem as suas recomendações. O Comissário Europeu do Desenvolvimento falou mesmo da necessidade de os Estados presentes no Colóquio darem seguimento a este fórum. As recomendações dos artistas e profissionais da cultura incluídas na “Declaração de Bruxelas” assemelham-se mais a propostas concretas e construtivas do que a lamentações. Louis Michel, aliás, institui-se em advogado junto dos ACP e da UE, citando Amartya Sen, filósofo e economista que recebeu o Prémio Nobel de Economia em 1998: “... não são tabus culturais e imaginários que a podem eliminar (*a diversidade*) nem tão-pouco pretensas predisposições de uma qualquer civilização...”

São estas pretensas disposições que admoesta Alphadi neste número, um dos criadores africanos mais geniais, precisamente quando faz o elogio da união na diversidade para que os estilistas e outros criadores africanos permitam ao seu continente tirar deste recurso, que é a imaginação, riquezas e bem-estar. Como o fizeram os cientistas que se haviam interrogado se a África não teria contribuído, de uma ou de outra forma, para o património científico mundial.

A consciência deste contributo da África, minimizado pelos instrumentos e metodologias de avaliação, quando não é simplesmente pelos preconceitos brutos, é essencial nas artes e noutros domínios da criatividade, porque dela depende, em parte, a confiança em si de um continente e da sua diáspora – caribenha e outra.

Esta edição especial sobre a cultura e o desenvolvimento económico tenta, de algum modo, repor a verdade dos factos e mostrar como a África e toda a região ACP deliciaram o mundo com a sua música ou artes visuais e cénicas e como pode ser viável, na vertente económica da cultura, o mercado interno dos produtos culturais do continente. Evocam-se pistas para uma estratégia de desenvolvimento económico sustentável e homeostático.

A delimitação dos preconceitos ocupa aqui um certo espaço. Está na linha das estratégias económicas. O mesmo se passa com a imagem de marca dos países e das sociedades. Em qualquer domínio, os investidores parecem escolher os mercados tendo por única base racional a rentabilidade. Mas não! Basta pensar nos baby boomers europeus, que afluíram aos Estados Unidos, vistos como um mito nos anos 90, provavelmente mais pela sua paixão pelo jazz, coca-cola e ritmos de swing de Miles Davis nos anos setenta do que seguindo os algoritmos de Wall Street.

Quando Roma queria invadir um país, enviava, antes dos seus centuriões, perfumes, elixir, sedas e substâncias aromáticas. Até ao dia em que a Grécia conquistada conquistou culturalmente Roma com uma imagem de marca mais subtil.

Hegel Goutier
Editor



Hegel Goutier

CULTURA na ECONOMIA.

Não apenas a cereja, mas uma grande fatia do bolo

Há ainda alguns anos atrás, a resposta à pergunta qual é o primeiro produto de exportação do país mais rico do mundo, os Estados Unidos, surpreendia quando se respondia: a cultura. Agora já não é tanto. Se alguns ainda têm dúvidas, é nomeadamente sobre a capacidade dos países pobres em consolidar o seu desenvolvimento no comércio dos bens culturais e em aceitar o facto de que estes também são produtos comerciais. E o que é surpreendente é que os actores da economia, em particular os financiadores destes países, permanecem reticentes em investir neste sector. De modo que, frequentemente, são os criadores que se tornam homens de negócio para colmatar as suas necessidades. É o caso do costureiro nigeriano Alphadi ou dos músicos Youssou N'Dour do Senegal ou de Bob Marley da Jamaica, na sua época.



As indústrias da cultura ocupam um lugar cada vez mais importante na economia dos países desenvolvidos. Os valores para o ano 2005 mostram que estas representam 7 % do produto interno bruto mundial, que nos Estados Unidos o seu peso é superior a 5 %, que no Canadá e na Europa as proporções seriam de 3,5 e 5 %, respectivamente. E estes valores apenas consideram uma definição restritiva de produtos culturais.

Se considerarmos num sentido mais amplo os produtos da criatividade e as exportações dos países ricos, os valores são ainda mais impressionantes e sublinham severamente o isolamento dos países pobres, sendo que podemos assim estabelecer uma ligação biunívoca entre a exportação destes produtos e o desenvolvimento económico. O sector cultural emprega 5 % da população canadiana e uma proporção muito maior nos Estados Unidos.

Em 2002, Bruce Lehman, presidente do Instituto internacional da propriedade intelectual perguntava-se com humor o que faziam os trabalhadores americanos, visto que somente 14 % (18 milhões sobre 134) de entre eles estavam empregues nas manufacturas. Ele próprio respondeu, ou seja que a maior parte de entre eles produzia propriedade intelectual, intangível, que ia do software informático ao jogo de vídeo, um filme de ficção, um protocolo de intercâmbio na Internet ou um tratamento genético, quando não é o desenho da fuselagem de um avião Boeing. A indústria do cinema americano emprega mais mão-de-obra do que a megalomaniaca indústria da defesa. Relativamente às trocas internacionais de produtos culturais, segundo Alexandre Wolff, houve um aumento de 400 % durante os vinte anos que antecederam o ano 2000, atingindo cerca de 400 mil milhões de dólares em 1998, em comparação com os 100 em 1980.

➤ Os que marcam pontos

Ultimamente, têm sido os países chamados intermediários que registaram um crescimento no mercado dos produtos culturais. Aqui também as ligações são evidentes. E não é porque são previamente desenvolvidos que aprenderam a vender os seus produtos da cultura. Na maior parte destes países, o desenvolvimento da indústria da cultura antecedeu o *boom* económico; como um catalisador. É, sem dúvida, o caso da Índia cujo sucesso de Bollywood tornava pública a sua revolução económica antes mesmo que se tivesse plenamente consciência dela no estrangeiro. O Brasil começou

África criativa

Com a crise financeira mundial, o prestígio de África e até dos países em desenvolvimento parece retomar vida face ao fracasso dos dadores de lições. A África sofreu durante muito tempo de uma falta de imagem, o que também teve consequências sobre a visão conferida à sua arte.

Sem contar com os preconceitos frequentes após a colonização. Porque a transmissão do conhecimento em África se efectuava mais através da oralidade, os seus contributos para os conhecimentos mundiais foram durante muito tempo negados ou esquecidos, nomeadamente no que diz respeito aos conhecimentos técnicos. No entanto, os seus contributos foram numerosos em vários domínios como a matemática, a metalurgia e a farmacopeia. As pesquisas de Houtondji sobre os “saberes endógenos” do continente fazem parte do grande número de pesquisas que desqualificam estes preconceitos.

Na música, o contributo da África, a sua inventividade são reconhecidos. Ninguém desconhece a sua influência sobre a maioria das grandes músicas do século XX. Mãe do jazz, da música dita afro-cubana, do rock ou do hip hop. Contudo, a sua influência sobre algumas formas de arte foi durante muito tempo renegada, nomeadamente sobre o tango argentino como demonstrado pelo investigador argentino, Juan Carlos Cáceres.

por controlar a sua produção audiovisual antes de se tornar um país emergente importante. É actualmente o sétimo exportador mundial no sector da música, sendo que controla 90 % do mercado interno.

Todavia, os países em desenvolvimento registam cada vez mais sucessos. E a situação da indústria audiovisual na Jamaica é lendária. As suas músicas vendem-se bem. A música classificada como “world” exporta-se, de Ayo a Amadou e Maryam, de Mercedes Sosa a Lila Down e de Cesária Évora a Youssou N’Dour. Quantos discos deste cantor ultrapassaram o milhão de exemplares vendidos! “The Guide” ultrapassou os três milhões. O músico produz-se a si próprio, a sua empresa emprega duzentas a trezentas pessoas e acima de tudo reinveste os lucros no seu país, o Senegal, e em outros países de África. O seu projecto BIRIMA para o microcrédito, lançado em Fevereiro de 2005, representa mais um exemplo de artistas empenhados na gestão da economia da cultura. Assim como a sua associação AMPA, “Associação dos músicos profissionais africanos”, para defender os interesses dos músicos do continente. Youssou N’Dour investe os seus lucros em África.

Mas muitos destes artistas tiveram de se tornar homens ou mulheres de negócios, tendo em conta a demissão do sector privado nos seus países ou regiões. Podemos reter o exemplo de Alphadi*. Criador do FIMA,

Festival internacional da moda africana, e da Federação africana de criadores de moda, FAC, que percorre com a sua caravana a África e as Caraíbas para apoiar os jovens criadores e que contribuiu fortemente para o prestígio crescente da moda africana.

Youssou N’Dour foi o primeiro artista a tornar-se artista-homem de negócios depois de se dar conta que o seu disco “The Guide”, que vendeu mais de 3 milhões de exemplares em 1994, tinha sido muito lucrativo para... a Sony, mas não para o Senegal e a África. ■

* Ver a sua entrevista neste número.

Para mais informações, visite o sítio web www.culture-dev.eu, onde encontrará o artigo “Potencialidades e desafios da criação e da cultura para o desenvolvimento” de Francisco Ayi J. D’Almeida, Director da *Association Culture et Développement* (França).

Página 2: Dominique Zinkpé, *Partage de Territoires*, Exposição *Bénin 2009*, Fundação Zinsou, 28 de Setembro a 4 de Janeiro de 2009. Fotografia de Léo Falk.

Palavras-chave

África; cultura; Youssou N’Dour; Bob Marley; Alphadi; produtos culturais; Ayo; Amadou e Maryam; Mercedes Sosa; Lila Down; Cesária Évora.



MODA. A África possui meios para ganhar MILHARES DE MILHÕES

Uma entrevista com um ícone da moda africana, Alphadi.

por Hegel Goutier

Alphadi é provavelmente o criador de moda africana mais famoso. É o homem dos megadesfiles aos pés das Pirâmides no Egito e que faz com que os maiores estilistas mundiais se desloquem para vir contemplar as suas criações. É também um activista para a promoção da moda africana, criador da Federação africana dos criadores de moda, FAC, há já 25 anos, e há já quase dez anos do FIMA, Festival internacional de moda africana, que reúne todos os anos mais de dez mil pessoas e 50 a 60 criadores do mundo inteiro.



Alphadi num espectáculo de moda no Museu Galliera em 2004.

© Alphadi.net

Alphadi começa por lembrar que a moda não é só a costura, é também a bijutaria, a marroquinaria, as artes visuais, a decoração interior, que dinamiza a cultura, gera dinheiro e cria um grande número de empregos no continente africano. Muitos não são declarados, mas não há dúvida que lhe proporciona mais meios do que os outros sectores da criação.

Temos 54 países nos quais devemos empenhar-nos para mostrar que o combate cultural pode conduzir ao desenvolvimento e criar empregos. Hoje em dia, o vento mudou de rumo porque os Africanos começam a tornar-se auto-sustentáveis, vestem africano, comem africano e enfeitam as suas casas com quadros africanos.

Trata-se então de uma óptima altura para travar o vosso combate?

Sim, mas em qualquer combate cultural é preciso meios financeiros, dirigentes e muitas vezes a África não dispõe destes meios.

Queremos que o nosso trabalho ultrapasse as fronteiras do continente, que seja apreciado noutros países, na Europa, na América, que possamos criar *franchisings*, licenças e pontos de venda no mundo inteiro. Se o Yves St-Laurent, o Pierre Berger não tivessem o apoio de grupos financeiros como o grupo LVMH, o império que deixaram não existiria hoje em dia. Enquanto grandes criadores que hoje somos, não podemos crescer de outra forma. Por enquanto, temos de ser tudo, criador, financiador, distribuidor. A Europa não o vai fazer por nós.

Será que é necessário acusar os outros?

Nada disso! Nós próprios temos problemas, não consumimos os nossos produtos na diáspora ou até em África. Com a chegada de Obama, alguns começam a entender que o Negro tem capacidade, que a mestiçagem é algo de extraordinário. Pela nossa parte, já o sabemos há 30 anos. Se nos unirmos em África, venceremos, mas não temos financiadores na diáspora, a

não ser nos Estados Unidos. Todos os domínios da cultura são lucrativos, nomeadamente o que está ligado à moda e à beleza como o têxtil, a costura, a marroquinaria, a bijutaria, a cosmética e a perfumaria. Podem-se ganhar milhares de milhões no continente africano e depois exportar.

Qual a razão destas reticências por parte das forças económicas e políticas nos países pobres, em particular em África, em relação à economia da cultura?

Quem detém o poder nos nossos países nem sempre é uma pessoa exigente. Alguns pensam apenas nos seus próprios bolsos. Apesar do facto dos que estão à cabeça serem muitas vezes voluntaristas, nem sempre estão bem rodeados e os que lhes estão próximos nem sempre estão preocupados com o interesse público. Actualmente, a África está doente porque muitos dos líderes políticos e económicos não acreditam realmente nestes verdadeiros valores. Se nos Estados Unidos 40 % dos produtos de exportação provêm da cultura, da moda e do cinema, a África pode fazer o mesmo ou até mais porque é um continente onde em cada cidade, em cada região, em cada país, existem mil maneiras de criar moda e os produtos derivados. Basta apenas actualizá-los, modernizar as técnicas e criar indústrias nesse sector para gerar milhares de milhões de dólares no interior mesmo de África. Mas os que são responsáveis pela promoção da moda africana não o fazem. Nas conferências ministeriais, os nossos dirigentes usam geralmente fatos ocidentais e quando usam vestes tradicionais, temos a sensação de que o usam como se fosse um traje folclórico. Eu insisto que os presidentes africanos e os ministros devem usar o traje africano nas grandes reuniões para dar o exemplo do dinamismo. Vão à procura do dinheiro lá fora, sendo que o têm aqui mesmo.

O combate já está ganho em Marrocos, que é um país do continente africano e que desenvolve todos os esforços para que a indústria têxtil e a moda sejam uma realidade. A Argélia está a caminhar nesse sentido, assim como a Tunísia. Estes países aperceberam-se do que a Europa ganhou.

Sempre efectuou a ligação entre o Norte e o Sul do continente africano. Agora, temos a sensação de que esta aproximação vai de vento em popa, testemunho disso, a coroa-



ção do cinema de África do Norte no último Fespaco, ao contrário dos anos anteriores.

Simplesmente porque o Sul do continente não acreditava que o resto fizesse parte de África. Porque também a África do Norte, numa dada altura, pensava que eram europeus. Até queriam fazer parte da União Europeia. O Magreb deve entender que é africano. Foram bem sucedidos num combate, o da moda, do cinema, do turismo; actualmente, devem dar o exemplo. Aliás, muitos dos nossos jovens vão fazer a sua formação nesses países, na medida

em que lhes é muito difícil ir para a Europa. O Magreb é a porta aberta para África em matéria de desenvolvimento sustentável. E o combate pela cultura deve situar-se acima da política. ■

Vestidos de Alphadi.
© Revue Noir

Palavras-chave

Alphadi; moda; têxtil; produtos derivados; Magreb; África; Marrocos; Argélia; Níger; Tunísia.

MODA. Vantagem para África

Vestidos de Chris Seydou.
Fotografia de Nabil Zorkot.
© Revue Noir



Segundo Chris Seydou, o génio do Mali através de quem tudo parece ter começado, a moda africana adquiriu os seus títulos de nobreza com criadores, directores e mensageiros tais como Alphadi ou Claire Kane, que fazem com que este sector da cultura seja actualmente em África o que mais está harmonizado com a música e que emprega o maior número de mão-de-obra. A mudança anuncia-se no continente e na sua diáspora pela Europa ou Caraíbas. O Pacífico também não fica de fora.

O primeiro festival cultural ACP Santo Domingo 2006 foi o momento para aumentar a fama de criadores como Anggy Haïf, Leslie Nérette e Marion Cecilia Kali Howard. Anggy Haïf dos Camarões, cuja moda se serve da natureza – utilização de rafia, raízes, lianas, etc. para lhe conferir requinte e sensualidade, combinando-os com os tecidos mais modernos. É também um director, organiza-

dor e comunicador talentoso. Responsável, desde 2001, pela agência de manequins BISE, esteve na base da Associação de Jovens Criadores de Moda Camaroneses, do Festival de Moda e Penteados dos Camarões e do grande espectáculo de manequins “Made in Kamer” ou “Kamerly”.

Leslie Nérette, ainda muito jovem, é uma artista talentosa que se lança em vários domínios e que se exprime através das artes plásticas, do grafismo, da moda, etc. Desde o Festival de Santo Domingo, onde muitos a ficaram a conhecer, evoluiu bastante, como comprova o seu enorme sucesso no “Festival CulturElles” (Port-au-Prince, Abril de 2008). Da mesma geração, Marion Cecilia Kali Howard das Ilhas Cook, criadora de moda e designer. Cria também os seus próprios tecidos indo buscar inspiração à natureza e à cultura do seu Pacífico natal.

Tal como África tem o seu Festival Internacional de Moda (FIMA) e outros festivais

importantes, as Caraíbas têm o “Caribbean Fashionweek” que figura nos títulos principais dos maiores meios de comunicação do mundo como o New York Times. A última edição, em Junho de 2008, foi cintilante com um número considerável de talentos do subcontinente. Aleatoriamente, podemos destacar três:

A dupla Zaad & Eastman, Trindade. Jogo de branco e cor, de formas, de materiais. Tendo como característica dominante uma sensualidade quase tórrida. Combinação de estriados de cores e de renda, organdi, tafetá, seda, brancos e sussurros. Forros voluptuosos estriados com nuances douradas do mar das Caraíbas. Transparência de cobertura com tule preto sobre saias flutuantes do mesmo azeviche, tão quente que parece difundir as cores mais vivas.

Keneea Linton, Jamaica. Cada peça de vestuário, cada ornamento é um jogo gráfico. A distinção parece ser o seu lema. Duas palavras predominam, o branco e o preto, cujas linhas, estrias, as rosáceas e outras formas sempre refinadas para realçar a beleza do corpo. Ainda mais destacado pelos ornamentos também eles originais. Ou para criar ornamentos, sobretudo chapéus com uma originalidade extraordinária.

A diáspora africana na Europa não está parada. Basta olharmos para a afirmação de Louise Assomo. Esta sobredotada de origem camaronesa em Bruxelas, que faz, desde o Cristal de Ouro obtido em Paris mal os estudos tinham acabado e o seu primeiro desfile em Bruxelas, o seu primeiro grande desfile há 3 anos em Bruxelas, um percurso brilhante. Louise Assomo é uma coqueluche da moda belga. É também uma mulher de negócios sensata com lojas em Bruxelas, Antuérpia e Tel Aviv.

H.G. ■

Palavras-chave

Hegel Goutier; Chris Seydou; Alphadi; Claire Kane; Anggy Haïf; Leslie Nérette e Marion Cecilia Kali Howard; “Kamerly”; FIMA; “Caribbean Fashionweek”; Zaad & Eastman; Keneea Linton; Louise Assomo.



Clément Tapsoba*

Apostas económicas e DESAFIOS do CINEMA africano e das Caraíbas

De 28 de Fevereiro a 7 de Março de 2009. O Festival de cinema e de televisão de Uagadugu (Fespaco), 21.º do género, cumpriu a tradição apresentando, como acontece de dois em dois anos, o melhor das obras cinematográficas e audiovisuais africanas, das Caraíbas e da diáspora. Criado em 1969, o Fespaco, que celebrava quarenta anos, decorreu sob o tema Cinema africano, turismo e patrimónios culturais. Percurso sobre os novos desafios do cinema africano e das Caraíbas.

Relativamente aos desafios que se colocam ao cinema de África e das Caraíbas por ocasião do Fespaco, destacam-se as apostas económicas do cinema e do audiovisual, mais do que nunca no centro dos debates para encontrar soluções para questões identificadas de longa data e que foram evocadas de forma reiterada, de uma edição à outra, através de colóquios, grupos de representantes e oficinas organizadas pelo Fespaco ou por parceiros da 7.ª arte africana e das Caraíbas.

> Perguntas sem resposta

Um olhar retrospectivo sobre os temas das edições anteriores é suficiente para se ficar convencido. Basta para isso lançar um olhar retrospectivo sobre os temas das edições anteriores, temas instituídos com a caução da Federação Pan-Africana de Cineastas (FEPACI) para debater as preocupações do momento do cinema africano e das Caraíbas: como organizar o mercado audiovisual nacional no sentido da criação de financiamentos a favor das produções cinematográficas e audiovisuais nacionais e respectiva distribuição? (problemática da produção e da distribuição – Fespaco 1981). Que tipo de filmes para que tipo de públicos? De que forma o cineasta africano pode ir ao encontro do seu público? Como integrar verdadeiramente o filme africano nos circuitos comerciais de distribuição, o que até agora não acontece (Fespaco 1999)? Apesar destas chamadas para a reflexão e acção, bem como uma colheita aparentemente abundante de filmes inscritos para a 21.ª edição



Cerimónia de abertura do FESPACO, Uagadugu, Burkina Faso, 2009. Fotografia de Giulia Marchi.



(664 filmes de todas as categorias originários de 75 países), a crise do cinema africano e das Caraíbas permanece uma constante. No que toca à produção, é um ponto a limar. Na maioria dos países de África e das Caraíbas, onde todos os indicadores socioeconómicos seguem no caminho contrário e sofrem as repercussões da redução das subvenções externas, a produção de filmes com apoios estagna, isto quando simplesmente não existe. Os cineastas são as primeiras vítimas visadas na gama das prioridades e das urgências económicas. Os filmes são subfinanciados, quando os políticos pura e simplesmente não se demitem das suas responsabilidades. No

Fespaco 2009, dos 18 filmes na corrida para o Cavalo de Ouro de Yennenga, a consagração suprema, 11 vinham dos países ACP. No pelotão da frente dos países ACP a apresentar mais do que um filme em competição oficial encontrava-se a África do Sul (três filmes), seguida pelo país anfitrião, o Burquina Faso (duas películas). Estes países, com a excepção de Marrocos e da Tunísia no Magreb, mantêm uma política rentável em matéria de apoio ao seu cinema. O que não parece ser o caso para os países da África Ocidental cuja forte tradição cinematográfica se foi atrofianando de uma edição à outra do Fespaco.

> Vamos encerrar!

No que toca à distribuição e às salas de cinema, a crise é ainda mais aguda. Os circuitos de distribuição instalados nos anos 70 e 80 desapareceram no seguimento da privatização-liquidação das empresas nacionais de produção e de distribuição (Sonacib no Burquina, Sidec no Senegal, Onaci no Congo...). É muito mais fácil ver um filme africano nos ecrãs europeus do que em África. As salas emblemáticas das capitais africanas foram destruídas ou encerradas, como é o caso de Paris em Dacar (Senegal), os Studios em Abijão (Costa do Marfim), a Rex em Porto Novo (Benim) e, muito recentemente, em Janeiro passado, os Camarões acabam de se juntar à longa lista de países privados de salas de cinema com o encerramento da

última das oito salas que existiam na cidade de Iaundé e baptizada com o nome Cinéma théâtre Abbia.

Por ocasião da mesa redonda organizada na abertura do MICA pelo Canal France International (CFI) com o tema *Circulação e saídas económicas para as obras audiovisuais africanas*, as situações descritas encontram efectivamente as suas origens em vários factores: a falta de filmes recentes para alimentar as salas existentes, a forte concorrência da pirataria, do disco compacto de vídeo e do satélite aceleram a degradação das condições de circulação das obras africanas. Outro factor não menos desfavorável: o cinema africano continua a ser subfinanciado e a estar bastante dependente dos auxílios externos. Ausente no seu próprio território – Ezra, do nigeriano Newton Aduaka (Cavalo de Ouro de Yennenga em 2007) foi mais visto na Europa do que em África a partir da sua consagração em Uagadugu – o cinema africano encontra-se confinado a uma rede de arte e de experimentação ou a festivais na Europa e tem pouco interesse para o circuito americano ou asiático. ■

* Crítico de cinema e vice-presidente da Federação Africana da Crítica Cinematográfica (FACC).

l No topo: poster de Teza.

Palavras-chave

Cinema; Fespaco; Uagadugu; Burkina Faso; criação; Cavalo de Ouro de Yennenga.

Um magnífico poema da desilusão premiado pelo Fespaco

Prémio "Etalon d'or du Yennenga" 2009 atribuído a "Teza" do etíope Hailé Guérima.

Podemos não gostar de Teza, a lentidão do ritmo e as alusões espirituais do início do filme, mas foram poucos os que não aplaudiram a atribuição, decidida por unanimidade pelo júri do 21.º Fespaco, do prémio "L'Etalon d'or du Yennenga" a este fresco poético, histórico e filosófico do realizador etíope Hailé Guérima.

Guérima articulou um canto épico da desilusão, uma melodia dolente sobre a juventude que cava a sua sepultura com os seus sonhos e sobre as derisões da história. Os anos de cinza do final do reino de Negus e os de chumbo de Mengistu nos anos 70 e 80, com as suas atrocidades, constituem o pano de fundo desta gesta.

O militantismo de Anberber e de Tesfaye, dois jovens brilhantes que vieram estudar para combater a ditadura viscosa de Negus e que, correndo para a chuva, caem no rio, ao negociar o golpe de estado de Mengistu. De quem vão ser rapidamente reféns. As suas vidas, as suas esperanças, a sua inteligência e os seus encantos desagregando-se. Quando o pouco que sobrava de Anberber, destroçado, conseguiu regressar à Alemanha, é para ser atacado por um pequeno grupo de jovens seguidores do neo-hitlerismo.

Os cantos dolentes de Guérima não pouparão ninguém e muito menos o Ocidente. Mas quem será poupado? Um pouco a infância.

O milagre, tudo isto é triste e belo. Ainda mais belo do que triste. Razão pela atribuição do prémio "Etalon d'or" e de todos os outros prémios como o dos críticos africanos, entregues em Uagadugu depois do Prémio especial do júri e do prémio do melhor cenário do Festival de Veneza, 2008. **H.G.** ■



DANÇA CONTEMPORÂNEA – Surpreendente, inebriante, inquietante

Em 28 de Fevereiro e 6 de Março passado, nas cerimónias de abertura e de encerramento do Festival de Cinema de Uagadugu, perante cerca de 20 mil espectadores, ela teve como cenário um campo de futebol. Ela, Irène Tassembédo, a coreógrafa burquina. E o espectáculo foi grandioso. De um encantamento e artifício que comoveu tanto o público já conhecedor como aqueles menos familiarizados com a dança contemporânea.

A coreógrafa burquina criou um estilo. Primeiro, pictural. Uma encenação do diálogo entre os povos através de uma encenação do folclore do Burquina, de quadros com acrobatas, gigantes marionetistas, vaga de tamborileiros, veículo de sonhos, diálogo cultural, unidade da África. Sim! Mas se em vez de vermos os quadros, vissemos a pintura... As mulheres, estendendo lençóis enormes para secar na relva do estádio no início do espectáculo, transformam-se em ondas em movimento onde as mulheres, o vento e o tecido se fundem. Que fazem pensar no “Love stream” de Cassavetes. E o restante com o mesmo encanto, com uma dinâmica fluida. É a assinatura de Irène Tassembédo. Poderíamos apontar-lhe algumas falhas de sincronização. Mas que importa, esta coreógrafa traz, carregada de nostalgia, um mundo de fadas e sonhos.

Irène Tassembédo é cada vez mais requisitada no estrangeiro como também o são vários coreógrafos de África, das Caraíbas e do Pacífico. O primeiro festival de cultura destas três regiões no final do ano de 2006 em Santo Domingo já tinha chamado a atenção para a sua criatividade e audácia.

A “Compagnie 1e temps”, por exemplo, do Congo e do Senegal num espectáculo como “Impro-Visé 2” apresenta um género de banda desenhada a dois cujos movimentos bruscos transformam uma atmosfera trágica e pesada num crescendo duro como o Bolero de Ravel ou o Batuque de Oscar Lorenzo Fernandez.

O espectáculo “Errance” de Kettly Noël, coreógrafa de origem haitiana que evoluiu no Mali, esculpe o silêncio, estiliza o isolamento e a loucura, aprofundando os espaços mais pequenos do medo, se não mesmo do terror escondido em cada um sem condescendência, mas sem qualquer tipo de morbidez nem desejo de bradar ou de surpreender, sem morbidez, sem vontade de seduzir ou de espantar. Naturalmente. Um público que fica sempre petrificado.

Poderíamos também citar Akiyo Danse do Haiti que se inspira em danças de vudu vistas como uma fortificação do corpo e do espírito e uma estilização do equilíbrio entre a suavidade e a força. Uma dança muito ritmada com sombras e luzes nas formas, movimentos e espírito. Surpreendente, inebriante, que atormenta o espectador.

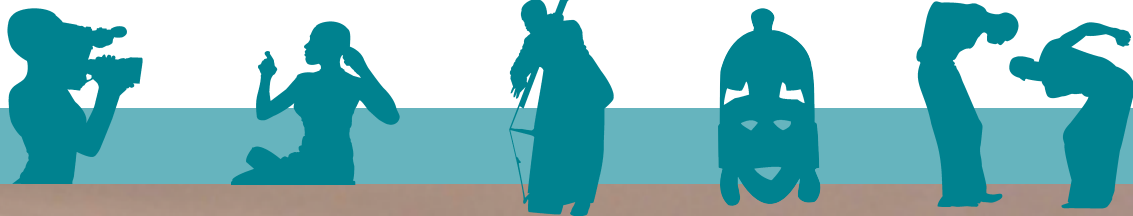
Ou o quarteto de bailarinos de Rako das Fiji cuja dança é uma poesia sensual e suave sem ruído, com um deslizar silencioso, cauchutado, utilizando as percussões espaçadas apenas para ritmar o silêncio. Com as percussões em que cada movimento aguarda suavemente o outro e os balanços se modulam num só. **H.G. ■**

Palavras-chave

Hegel Goutier; Irène Tassembédo; “Compagnie 1^e temps”; Kettly Noël; Akiyo Danse; Rako; coreografia; dança contemporânea; África; Caraíbas; Pacífico.



Kettly Noël em *Ti Chelbe* por La Companie (Mali) em Jomba! 2004
© Jomba! e Val Adamson



Nago Seck e Sylvie Clerfeuille

ÁFRICA: a IMAGEM do mundo

So Kamery em cena.
© Afrisson

Há cerca de um século, as músicas que se inspiram do continente africano espalham-se pelo mundo inteiro. Vivas, improvisadas, festivas ou melancólicas, arrebatam o coração do mundo e os músicos dos quatro cantos do globo encontram nelas a sua inspiração.

> Músicos de Jazz e de Rock: a paixão pela África

Gospel, jazz, funk, rap, rumba, R&B, rock, funk, reggae, dancehall, cumbia e tango: são inúmeros os géneros musicais dos séculos XX e XXI que se inspiram no continente africano, a grande referência dos músicos contemporâneos. Ainda recentemente, na senda de

um grande número de músicos de jazz, três artistas assinaram álbuns inspirados neste património infinito: Randy Weston, apaixonado pelos ritmos *gnaoua* de Marrocos, originários da região do Níger; o artista de blues texano, Johnny Copeland, que se inspira das músicas congoleesas e marfinenses, e Hank Jones, apaixonado pelo património mandinga. Este interesse pela África é partilhado pelos

artistas de rock que reconhecem a influência directa da música africana nesta intersecção de R&B dos Negros e da *country* dos Brancos: palavras proferidas pausadamente, faculdade de improvisação, pulsações no ritmo e canto coral fragmentado. Peter Gabriel, fundador do rótulo *Realworld* que lançou inúmeros artistas africanos na cena internacional (Yousou Ndour, Geoffrey Oryema, Remmy Ongala,

Papa Wemba, etc.), é o exemplo mais brilhante. Confessou um tal fascínio pela África e suas obras contemporâneas que levou o seu festival “Womad” a todo o planeta (Japão, Austrália, Hong Kong e, mais recentemente, a Indonésia).

> África e Ásia: uma história de amor recente

Até então confinada à Europa e à América, esta influência das músicas africanas estende-se desde os anos 90 à Ásia: Doudou N’Diaye Rose cruzou a sua baqueta com tamborileiros coreanos e japoneses. Youssou Ndour trabalhou com o artista de jazz Ryuichi Sakamoto, originário do Japão, um país onde se multiplicam os grupos de rumba congoleza e de música mandinga, como o do maliano Mamadou Doumbia, composto unicamente por músicos nipónicos. Papa Wemba foi várias vezes convidado a actuar no Japão e o repertório de Abeti Masikini, que fez uma digressão pela China em 1989, foi retomado por Scu Mi In, uma das estrelas da cena pequinaesa a quem chamam a “Abeti chinesa”.

> América Latina: Argentina e Peru reconhecem, enfim, as suas raízes africanas

Em parte alguma, a influência da África não se fez sentir e ainda hoje não está presente

e sobretudo reconhecida tão directamente como na América Latina e nas Caraíbas. Combinação dos ritmos bantos e do expressionismo argentino, o tango é hoje reconhecido como um género de raízes africanas, origem que lhe foi muito tempo negada. O Brasil, que tem mais de 40 milhões de habitantes de origem africana e sofreu duas grandes influências, ioruba e kongo-angolana, exprime-se musicalmente em inúmeros géneros de origem africana: batuque, lundu, jongo, capoeira e samba. Mais recentemente, graças ao trabalho de Susana Baca, que faz uma recolha de músicas e cantos afro-peruanos e fundou, em 1992, o Instituto Negro contínuo, o Peru reconheceu a dimensão africana da sua cultura e devolveu assim o seu estatuto social aos afro-peruanos durante muito tempo marginalizados. Mas é Cuba que defende mais afincadamente o seu património africano com a rumba difundida em todo o planeta desde 1920. Quase um século depois, o diálogo perdura nomeadamente com o grupo pan-africano Africano, que colabora regularmente com músicos cubanos.

> Bob Brozman: o traço de união entre a África e o Pacífico

Só a região do Pacífico é que teve poucos laços culturais com a África. À parte Havaí, que se tornou conhecida pela sua famosa técnica de guitarra*, com as suas tonalidades

voluptuosas, que influencia desde os anos 50 muitos guitarristas da África Central, como o centro-africano Jimi Banguissois, as relações são praticamente inexistentes. Admirador da guitarra havaiana, da música das Caraíbas e da África, o artista de blues americano Bob Brozman, que se deixou imbuir dos sons de artistas da África e do Oceano Índico (René Lacaille, da Reunião, em *Dig Dig* e o maliano Djely Moussa Diawara em *Ocean blues*), parece ser um dos raros a favorecer os encontros entre culturas do Pacífico e da África.

No entanto, a Austrália e, sobretudo, as músicas aborígenes suscitam hoje o interesse de alguns artistas africanos. Assim, So Kalmery debruçou-se sobre a técnica do didgeridoo e integrou-a no seu recente álbum, *Brakka System*. É uma porta aberta para um diálogo que será, sem dúvida, promissor. ■

Para mais informações: www.afrisson.com, www.saraaba.fr

* As pessoas do Pacífico também são conhecidas pela sua música pan-pine. É frequente na Melanésia.

Palavras-chave

Música; África; Pacífico; Ásia; Caraíbas.

AMÉRICA LATINA – A história renegada

Juan Carlos Cáceres da Argentina e Susana Baca do Peru são dois artistas da América do Sul que travam uma luta persistente para o reconhecimento do contributo africano na cultura da região. Os dois fizeram escola. Para o Peru, Susana Baca ganhou praticamente a luta. Pianista, trombonista, cantor, compositor, criador dos grupos Malón e Gotán. E também pintor, professor de História da Arte, conferencista, Cáceres* ressuscitou formas esquecidas do tango como a murga, o can-combe e o pasarus. Uma história esquecida, não. Cáceres fala de uma história renegada, “La historia negada”.

No texto que acompanha “Murga argentina”, lembra que Buenos Aires foi anteriormente um porto de escravos com um terço da sua população sendo negra. E proclama que “Darle el lugar que le corresponde a la herencia africana en la cultura argentina es una cuestión de justicia... Lo que ocurre es que este largo proceso de transculturación coincide con el desarrollo de la sociedad argentina y su blanqueamiento progresivo... Este olvido voluntario es producido por el racismo de una sociedad que mire a Europa y también la autocensura de la colectividad africana”. Susana Baca** foi a principal impulsio-

nadora do Instituto Nacional da Cultura Afro-peruana. Começou a cantar em 1970 e em 1987 foi nomeada Embaixadora da Boa-Vontade da UNESCO. Em 1992, na Exposição Universal de Sevilha onde representou o seu país, foi o momento de fazer ecoar de forma retumbante a sua luta. Desde então, decorrem no seu país e em várias cidades do mundo festivais afro-peruanos. **H.G.** ■

* Entre os seus discos: “Murga argentina”, 2005, www.mananamusic.com e “Tango negro”, 2005, Celluloid France Mélodie.

** Entre outros discos, “Del fuego y del agua”, 1999; “Espíritu Vivo”, 2003, Luaka Bop; “Eco de Sombras”, 2005, www.luakabop.com



Gotson Pierre*

HAITI: Investir no teatro

Para a sexta edição do Festival de Teatro “Quatre chemins”, prevista para Setembro de 2009 em Port-au-Prince, mais de vinte dossiers foram já apresentados à “Fondation Connaissance et Libertés” (FOKAL) pelas jovens trupes que pretendem participar neste evento, que se tornou num cruzamento do teatro haitiano.

Em cada festival, “revelam-se uma ou duas trupes”, afirma Michèle Lemoine, principal animadora deste evento da FOKAL, que colabora com o Gabinete da Comunidade Francesa da Bélgica no Haiti, a companhia “La Charge du Rhinocéros” e o Instituto Francês do Haiti.

“A criatividade manifesta-se pela diversidade dos grupos e a multiplicidade das expressões”, afirma ela, sublinhando que as trupes estão mais rodadas de ano para ano.

Na quinta edição, em Setembro passado, o festival foi inaugurado por uma “parada arco-íris”, onde se misturaram nas ruas da capital actores, encenadores, coreógrafos, bailarinos, marionetistas, ao som da música rara (tradicional), num ímpeto teatral total.

Michèle Lemoine sublinha que a acção do festival consiste em promover um “teatro cidadão” que se destina à sociedade para lhe dar uma “tomada de consciência” ao mesmo tempo que permite que os talentos se expressem.

É neste espírito que a trupe “Nous Théâtre Association” se revelou ao público, há alguns anos. Este teatro que não se baseia no texto levou os espectadores a sair para a rua, que se tornou num grande palco onde se representa o espectáculo do quotidiano.

Contando a sua experiência, um dos principais fundadores desta companhia, o dramaturgo Guy Regis Junior, considera que, no quadro haitiano, o teatro pode ajudar, por exemplo, a combater a insegurança, levando as pessoas a ocupar as ruas à noite. Para ele, para lá do palco, é essencial “fomentar encontros” que permitirão mobilizar as energias com vista ao progresso da sociedade.

Neste âmbito, o Teatro Nacional do Haiti, situado num dos bairros insalubres na baixa da capital, abandonada desde há muito tempo pelo público, tenta investir o seu meio, a favela Cidade de Deus. O director Frantz Jacob fala da fórmula “teatro-fórum” que permite criar um jogo interactivo com o público. Para além da componente lúdica, o teatro serve neste caso para contribuir para a identificação dos problemas que são resolvidos em cena para que o possam ser na vida do dia-a-dia.

“Num meio de violência, está provado que o teatro, lazer saudável que actua no intelecto e consciencializa, permite amenizar a situação”, diz Frantz Jacob.

O actor e encenador Daniel Marcelin partilha da mesma opinião. Para ele, o teatro é capaz de “contribuir para o desenvolvimento da pessoa”. Leva a “revelar-se a si mesmo e a encontrar o seu lugar na sociedade”. Este ideal do teatro manifestou-se através de experiências tais como a do célebre encenador Hervé Denis (falecido em 2002), a quem Daniel Marcelin teve de dar réplica na Tragédia do Rei Christophe, do escritor martinicano Aimé Césaire (falecido em 2008). Na linhagem do grande dramaturgo Félix Morisseau-Leroy (falecido em 1998), autor da adaptação crioula da peça clássica grega Antígona, Hervé Denis trouxe “uma luz importante ao teatro no Haiti no que respeita ao etnodrama” (integrando o misticismo do vudu).

Responsável pedagógico do “Petit Conservatoire”, que forma jovens em Artes Cénicas, Daniel Marcelin aplaude a cooperação com a França e a Bélgica, que torna possível a

presença temporária de pedagogos belgas e franceses nos locais de formação.

Infelizmente, nas condições actuais do Haiti, a prática do teatro não é “economicamente viável”, lamenta Marcelin porque, diz ele, “passamos três meses a ensaiar uma peça para duas ou três representações”. Excepto no caso de Jesifra, a referência em matéria de teatro de “boulevard” que bate todos os recordes de entrada e de digressão, com sketches que são de morrer a rir.

O teatro é caro devido aos investimentos que são pesados, sendo a trupe obrigada a assumir todas as despesas relativas à produção do espectáculo. Para Marcelin, um dos principais problemas reside no facto da maioria das salas encerrarem. A última grande sala de Port-au-Prince, o Rex Théâtre, está ameaçada, sublinha, defendendo a subvenção do Estado para o sector das Artes Cénicas, uma vez que “se trata de uma outra forma de investimento cuja rentabilidade virá depois”. ■

* Jornalista, Editor da agência em linha AlterPresse www.alterpresse.org, titulares de programas radiofónicos e correspondentes dos meios de comunicação estrangeiros no Haiti.

Palavras-chave

Haiti; teatro; Caraíbas; Festival de teatro “Quatre chemins”; “Fondation Connaissance et Libertés” (FOKAL); Michèle Lemoine; Guy Regis Junior; Daniel Marcelin.



CIÊNCIAS. Será que a **ÁFRICA ANTIGA** não nos deixou uma herança?

*Apesar da herança cultural de África já não ser objecto de contestação, o seu contributo científico para o património mundial continua esquecido. Este é o último bastião que alguns investigadores procuram sistematicamente reduzir há já algum tempo, entre os quais Paulin Houtondji. Uma das publicações editadas sob a sua direcção permanece memorável, “Os saberes endógenos”**.

Paulin Houtondji tentou explicar a marginalização de África no plano científico. Identificou duas causas importantes. Primeiro, o tráfico de Negros, logo no nascimento da imprensa que iria multiplicar os saberes. O tráfico destituiu os detentores africanos de saberes tradicionais do seu meio incubador, retirando-lhes igualmente toda a liberdade de associação e de organização. A segunda causa, relacionada com a primeira, é a colonização que levou a uma distribuição das tarefas e das produções, assimilando a África a uma reserva de matérias-primas, matérias físicas, mas também científicas e intelectuais.

➤ O turismo científico

Nesta fonte de dados científicos brutos, qualquer um é livre de tirar. Trata-se de um laboratório de experimentação, que recorre de vez em quando ao pessoal local, inclusive de alto nível, mas com a finalidade de obter resultados destinados “ao consumo” externo. Este processo de produção de factos científicos foi controlado pelos países do Norte e contribuiu para o que Houtondji considerou um “turismo científico”, associado ao consumo em África de produtos científicos transformados no estrangeiro. O facto de investigadores africanos de prestígio terem tido sucesso e até de laboratórios de grandes institutos estrangeiros se terem instalado em África em nada modifica a orientação das investigações que aí eram desenvolvidas. Goudjinou P. Metinhoue* sublinha que a África é penalizada pela metodologia da

investigação histórica que privilegia as fontes escritas em detrimento das orais, ignorando assim os saberes endógenos. Deveriam ser adoptados métodos críticos de análises de fontes orais.

➤ O fogo e a chuva

Em todo o lado, o desenvolvimento tecnológico esteve ligado à utilização do ferro. Alexis Adandé* salienta o contributo de África para uma das descobertas tecnológicas determinantes, a metalurgia extractiva do ferro utilizando baixos fornos, ou seja, sem passar pela fusão. Sabia-se que esta já existia há muito em várias sociedades africanas. Mas alguns emitiam sub-repticiamente a hipótese de que este conhecimento provinha provavelmente da Europa via o Médio Oriente. As datações precisas das peças arqueológicas da antiga Nigéria puseram fim a estas especulações tendenciosas. Provaram que o primeiro período de trabalho do ferro em vastas regiões africanas datava com certeza do meio do século VII e provavelmente até princípios da era cristã.

Abel Afouda* abordou um saber tradicional africano mais difícil, à primeira vista, de explicar cientificamente: os fazedores de chuva. Contudo, formula uma hipótese de explicação científica do processo utilizado que permanece, pelo menos, como hipótese de trabalho. Relativamente à classificação dos animais por Linné no século XVIII, ponto de partida da zoologia moderna, J. D. Pénel* sublinha que esta se baseava simplesmente nas característi-

cas visíveis a olho nu e demonstra que existe uma semelhante nos Hausa.

➤ Números e letras

Georges Ifrah, no seu livro “Histoire naturelle des chiffres”*** (História natural dos números), descreve os estudos de C. Zaslavsky sobre a numeração, os quais indicam que os Ioruba tinham inventado em tempos remotos um sistema vicesimal (base de 20) utilizando um sistema duplo, aditivo e substractivo, com a vantagem de os números serem curtos. Entre parêntesis, as expressões inglesas *one score, two scores* à semelhança de outras em várias culturas ocidentais têm esta mesma base. Bienvenu Akoha* sublinha vários tipos de escrituras, as “récales”*** dos reis do Daomé, os signos de Fa e formas mais elaboradas na cultura Ashanti. Não esquecendo os hieróglifos egípcios, excepto se pusermos em dúvida o carácter negro-africano do Antigo Egipto. **H.G.** ■

* “Les savoirs endogènes. Pistes pour une recherche”, sob a direcção de Paulin Houtondji (Diffusion Karthala, França).

** Georges Ifrah, “Histoire naturelle des chiffres”(Editions Robert Laffont, collections Bouquins).

*** Ceptros reais.

Palavras-chave

Hegel Goutier; Paulin Houtondji; Goudjinou P. Metinhoue; Alexis Adandé; Abel Afouda; J. D. Pénel; Georges Ifrah; Bienvenu Akoha; saberes endógenos; Hausa.



Sandra Federici

O despertar de ÁFRICA para a sua arte

Exposição
Malick Sidibé 08,
Fundação Zinsou.
Fotografia de Floriant
Ahouanhoun.

Após quase duas décadas marcadas por um intenso esforço – com aparente êxito – no combate contra a invisibilidade da arte africana no palco contemporâneo – através de grandes exposições pan-africanas, publicações importantes e participação em bienais – surge agora um movimento mais atractivo na arte contemporânea africana que consiste no envolvimento do público africano, juntamente com a participação dos governos locais, museus e patrocinadores.

Nos últimos anos, temos observado o aparecimento de algumas iniciativas extremamente interessantes em vários países africanos, implementadas por curadores e artistas plenamente convencidos de que é necessário colmatar o imenso fosso entre os artistas africanos (cultos, reconhecidos no mundo inteiro e com conhecimentos internacionais) e os cidadãos africanos que vivem em condições muito diferentes. Estas iniciativas partiram do pressuposto que todas as pessoas têm o direito de ter acesso ao conhecimento e contribuir que a arte contemporânea lhes pode conferir. Têm o direito de receber educação na interpretação da arte e de experimentar a riqueza e o prazer estético que esta lhes pode propiciar. Têm o direito de visitar uma galeria de arte contemporânea e de apreciá-la. A África deve despertar o interesse para a sua produção artística.

Uma galeria de arte africana contemporânea foi aberta em 2005 pela Fundação Zinsou, em Cotonu (República do Benim), uma fundação privada criada por um banqueiro beninês reformado (www.fondationzinsounews.org). A fundação, dirigida pela jovem Marie-Cécile Zinsou, filha do principal patrocinador Lionel Zinsou, visa promover os artistas africanos contemporâneos, intercâmbios no domínio da arte, um maior acesso às artes contemporâneas, e uma apreciação universal da arte africana. A galeria organiza exposições e *workshops* de arte destinados às crianças. A Fundação tornou-se num espaço cultural incontestável em Cotonu. Desde a sua abertura, já foi visitada por três milhões de pessoas,

na maioria jovens, graças à entrada grátis e às parcerias existentes com várias escolas na cidade. O programa artístico iniciou-se com o artista beninês Romuald Hazoumé e prosseguiu com o célebre pintor Jean-Michael Basquait, nascido em Nova Iorque, filho de pai haitiano e de mãe porto-riquenha; uma exposição sobre vudu e uma do rei beninês Béhanzin d'Abomey (1844-1906).

Contudo, estas iniciativas não incluem apenas obras africanas, procuram também para além das fronteiras do continente, como o sublinha Sindika Dokolo, o mecenas congolês que decidiu criar em Luanda “uma colecção africana de arte contemporânea em vez de uma colecção de arte africana contemporânea” (www.sindikadokolofoundation.org). Em 2007, acompanhado pelo dinâmico artista angolano Fernando Alvim, Dokolo emprestou a sua principal colecção de obras para ser exposta no pavilhão africano, na Bienal de Veneza. Afirma que o mundo da arte africana contemporânea deve pôr fim à sua “dependência” relativamente à ajuda externa – nomeadamente colecionadores, promotores e apoio financeiro – a qual distorce de um certo modo a sua origem africana. Denuncia igualmente o facto de os Africanos não controlarem o seu próprio domínio cultural, o que afecta o conteúdo da sua produção artística. Considera “o acesso à arte como um direito humano, tão básico e legítimo como o acesso à educação, à água potável e à saúde”.

Além do mais, o Centro para a Arte Contemporânea, Lagos (www.ccalagos.org), uma organização independente não lucrativa, criada em Dezembro de 2007, com a cura-

tela de Bisi Silva, insiste no envolvimento do público africano e no desenvolvimento e profissionalização da produção artística e da prática da curatela na Nigéria e na região da África Ocidental. Apresenta um programa de workshops, debates, seminários, sessões, projecções de filmes e exposições, tais como a que está actualmente a decorrer “The World is Flat”, uma colaboração internacional com a curadora dinamarquesa Johanne Loegstrup. Bisi Silva é igualmente curador da exposição “In the Light of Play” na Joburg Art Fair.

O Doual’art é um centro de arte contemporânea criado em 1991, na República dos Camarões, por Marilyn Douala Bell e Didier Schaub. O centro está a desenvolver um trabalho importante com vista ao envolvimento da população local, promovendo projectos culturais e intervenções de arte específicas a locais na cidade de Douala. (www.doualart.org)

Referimos apenas alguns exemplos, mas parece-nos que no século XXI o contributo de África para a história das obras de arte do mundo pode ser importante e envolver ambos, os artistas e o público – incluindo o Governo, a educação, os museus, as galerias, as Academias de Belas-Artes e os colecionadores – revelando ao mundo o alto nível e a diversidade da arte africana. ■

Palavras-chave

Arte contemporânea africana; Fundação Lionel Zinsou; Marie-Cécile Zinsou; Sindika Dokolo; Bisi Silva; Centro para a Arte Contemporânea em Lagos; Joburg Art Fair; Doual’art.



Andrea Marchesini Reggiani

CULTURA e CRIATIVIDADE.

Vectores de desenvolvimento

Nos países ACP (África, Caraíbas e Pacífico), as indústrias culturais ainda lutam para conseguir a estabilidade, o que constitui um factor crucial para valorizar a riqueza do talento. Louis Michel, Comissário Europeu para o Desenvolvimento e Ajuda Humanitária, e Ján Figel', Comissário Europeu para a Educação, Formação, Cultura e Juventude, pretenderam promover 3 dias de trabalho, convidando mais de 150 profissionais da área da cultura tanto da União Europeia (UE) como dos países ACP, com vista a realçar a importância da ligação entre a cultura e o desenvolvimento. Muitos protagonistas artísticos dos países ACP, tal como o curador de arte Yacouba Konate, a escritora Véronique Tadjó, a bailarina, a coreógrafa Germaine Acogny, Rokia

Traoré e muitos outros editores, directores, pintores, músicos, estilistas e gestores tiveram a oportunidade de relatar e partilhar as suas experiências profissionais feitas de vitórias, bem como de obstáculos, e foram encorajados a expressar todas as suas necessidades e apresentar sugestões concretas.

“Não consideramos a cultura como um factor estático a ser protegido, mas sim uma actividade económica e política em evolução”, afirmou Stefano Manservigi, Director-Geral da Comissão Europeia para o Desenvolvimento, no seu discurso de boas-vindas: “Consideramos estes workshops profissionais extremamente importantes para entender de que forma a Comissão pode realizar melhor o seu trabalho de associação, baseando-se em todas as experiências que existem no território euro-

peu e ligando-as com o que é actualmente produzido nos países ACP para definir uma acção política mais sistemática e obter uma cooperação efectiva.”

Cinco workshops decorreram no primeiro dia relativamente às artes de actuação (teatro, dança e arte de rua), artes visuais (pintura, escultura, fotografia, design de moda), audiovisual (cinema e televisão), literatura e música. Durante o segundo dia, foram organizados 5 workshops comuns e paralelos: os temas foram a comunicação cultural, formação, quadros jurídicos e acesso ao financiamento, criação e produção, distribuição e circulação no mercado cultural.

O workshop relativo ao tema do audiovisual, coordenado por Charles Mensah, presidente da Federação Pan-Africana de Cineastas, e

3 de Abril de 2009: casa cheia no concerto ao ar livre “Vozes das Mulheres Africanas” que encerrou o colóquio.
© EC/CE





Touissant Tiendreabogo, produtor cinematográfico, analisaram o sector da realização em África. Há uma grande procura por parte da população por imagens e histórias que possam reflectir a sua vida diária e a visão pessoal que têm do mundo. Mas existem também obstáculos tais como a falta de políticas públicas culturais eficientes, a ausência de financiamento nacional, a debilidade da produção local que não ajuda a reconhecer o saber-fazer e novos talentos, a falta de respeito pelos direitos de autor devido à pirataria e a ausência de políticas fiscais e aduaneiras apropriadas.

O workshop de literatura e banda desenhada, dirigido por Beatrice Lalinon (edição Ruisseaux, Benim), sugeriu promover intercâmbios entre todos os editores, para além de workshops de escrita, concursos locais de literatura e iniciativas pedagógicas relacionadas com a leitura; os delegados invocaram a necessidade de forçar os governos a respeitar o Acordo de Florença* que exige o levantamento dos impostos sobre os produtos culturais, embora em muitos regimes aduaneiros 1 kg de banda desenhada seja tributado tanto como 1 kg de carvão.

Os operadores culturais em todos os sectores destacaram algumas necessidades comuns, por exemplo, um “visto cultural” especial, e alguns problemas comuns, tal como a fraca percepção dos governos ACP que muitas vezes não propõem (dado que é a Comissão que conclui esses documentos) a cultura nos seus planos nacionais e regionais (PIN e PIR), o que exclui a possibilidade de receberem financiamento da UE. Para além disso, os operadores muitas vezes lamentam a burocracia excessiva e complexa dos convites europeus à apresentação de propostas, mesmo para pequenas quantias, e, acima de tudo, a dificuldade em gerir esse financiamento devido a regras rígidas que matam a criatividade e flexibilidade da produção cultural.

A cerimónia de abertura do Colóquio decorreu na tarde de 2 de Abril, com a participação de muitos ministros da cultura dos países ACP. O presidente do Mali, Amadou Toumani Touré, sublinhou a consciência e empenho do seu governo no Mali na defesa do seu património nacional, reconhecendo que a sua terra é “uma herança rica em mitos, lendas e cidades extremamente bonitas. Uma riqueza que constitui um factor de coesão nacional e uma atracção para o turismo cultural”. O Comissário Louis Michel apontou para muitos projectos e eventos culturais em diferentes países ACP que foram financiados pela Comissão e defendeu que “a cultura

é um antídoto eficaz contra a indiferença e intolerância que estão na base de conflitos culturais”, sobretudo neste período histórico no qual “a crise pode levar às piores atitudes de exclusão, racismo e egoísmo”.

A conferência terminou com a leitura da declaração de Bruxelas** feita por artistas e profissionais e agentes da cultura, que começa com um lamento: “Após tantas conferências nas quais foram estabelecidos diagnósticos claros e feitas recomendações específicas mas às quais não foi dado seguimento; após tantas resoluções, programas e planos de acção postos em prática, é com um misto de cepticismo e esperança que viemos participar neste Colóquio.”

Citamos apenas duas recomendações que os operadores culturais colocaram em primeiro lugar: “para as autoridades locais, nacionais e regionais: incluir a cultura como uma prioridade, tendo em conta os PIN e PIR relativos à cooperação e os Documentos de Estratégia de Redução da Pobreza” e “para a União Europeia: apoiar as autoridades locais, nacionais e governamentais na implementação das acções acima mencionadas e, sobretudo, encorajá-las a integrar a cultura nos PIN e PIR”.

Deste ponto em diante, fica bem claro a quem compete dar o passo seguinte. ■

* O Acordo de Florença é um acordo internacional que facilita a livre circulação de livros, publicações e materiais pedagógicos, científicos e culturais, assinado em Florença (Itália) em 1950.
http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=12074&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html

** Para aceder ao texto da declaração na íntegra: <http://www.culture-dev.eu/website.php?rub=documents-colloque&lang=en>

Rokia Traoré.
© Richard Dumas.

Colóquio internacional *Culture and creativity – Vectors for development*, Bruxelas, 2 a 3 de Abril de 2009.

De cima:

SEM Abdou Diouf, Secretário-Geral da Francofonia – Antigo Presidente do Senegal;
Louis Michel, Comissário Europeu responsável pelo Desenvolvimento e pela Ajuda Humanitária, e Sem Amadou Toumani Touré, Presidente da República do Mali;
Lupwishi Mbuyamba, Director Executivo – Observatório de políticas culturais em África (OCPA), Moçambique;
Germaine ACOGNY, bailarina e coreógrafa – Directora da *Ecole des Sables*, Senegal.
© EC/CE

Palavras-chave

Cultura; criatividade; Bruxelas; colóquio; Louis Michel; Jan Figel; Amadou Toumani Touré; Stefano Manservigi; Germaine Acogny; Beatrice Lalinon; Charles Mensah; Touissant Tiendreabogo.